

OPPOSE – AGRI Committee Amendments 60 & 61 to Article 10, which state:

"(-1) The Commission shall carry out an animal welfare assessment and a feasibility evaluation of implementation of the requirements set out in paragraph 2, five years after the entry into force of this Directive."

"Where feasibility is established, as from the dates to be set in Annex III in light of the evaluation referred to in paragraph 1, Member States shall ensure that non-human primates listed in that Annex may only be used in procedures where they are from self sustaining colonies."

Why this amendment must be REJECTED

These amendments delay indefinitely the implementation of the Commission's proposed phase out, over seven years, of the cruel and environmentally damaging trade in monkeys caught from the wild (see over). This briefing outlines the suffering and the environmental damage caused by wild capture, and shows that the Commission proposals are viable and humane. If there are concerns that the seven year target cannot be reached, then progress could be reviewed under thematic review under Article 8 (AGRI amendment 59) every two years, or after five years when the Directive is next reviewed under Article 53a (AGRI amendment 148). Or, a progress review could specifically be added to the phase out. It is not an option for Europe to do nothing. A vague "feasibility study" has the same effect as doing nothing. Europe must take responsibility for the part it is playing in the suffering and damaged caused to wild monkey populations caused by the laboratory primate trade.

Caça de macacos selvagens com armadilhas para fins de investigação e para explorações de reprodução animal

Porque é isto importante

Quando os macacos são retirados da selva tal repercute-se em termos de bem-estar e em termos ambientais.

Impacto relativamente ao bem-estar: Violência, stress e receio durante a captura, e detenção repentina. Separação indiscriminada de grupos familiares. Grupos sociais desfeitos deixados para trás – os primatas podem ficar sem pais ou irmãos.

Impactos ambientais: Danos ao habitat. Danos à diversidade genética das populações selvagens e mesmo a erradicação de populações inteiras. Perturbação do equilíbrio da população natural – remoção das fêmeas, animais de determinadas idades. 48% de espécies de primatas estão agora em perigo ou em grave perigo (IUCN).

Impactos científicos: Cientificamente, é preferível o uso de animais reproduzidos para o efeito cujo historial genético e estado saúde é conhecido; os benefícios incluem a redução de alterações, melhor compatibilidade e reproduzibilidade dos dados.

A Comissão Europeia também anota no Considerando 16 das suas propostas: *"Além disso, o uso de primatas não-humanos é extremamente preocupante para o público."*

Alguns dos primatas selvagens capturados continuam a ser usados em procedimentos na Europa. Significativamente, os estabelecimentos de reprodução, especialmente na Ásia e Ilhas Maurícias, capturam livremente animais selvagens para complementar o seu stock de criação de animais. Os descendentes de animais selvagens capturados são conhecidos como animais "F1". Os animais nascidos de pais reproduzidos em cativeiro são conhecidos como "F2", sendo as gerações seguintes denominadas F3, e assim sucessivamente.



Crê-se que a maioria dos macacos cercopitecos utilizados em laboratórios europeus são animais F1, predominantemente os macacos *Cynomolgus* e um pequeno número de macacos Rhesus. Os Ti-tis (Marmosets) são a segunda espécie de primatas em geral mais utilizadas na Europa, já são produzidas para o F2 e além.

As propostas da Comissão Europeia:

Artigo 9.1. Os animais retirados da selva não serão utilizados nos procedimentos.

Artigo 9.2. As autoridades competentes podem conceder dispensa do cumprimento do parágrafo 1 com base na justificação científica que a finalidade do procedimento não pode ser alcançada com recurso a um animal que seja criado com o fim de ser utilizado nos procedimentos.

Artigo 10.1. Os Estados-Membros assegurarão que os animais pertencentes às espécies constantes da lista do Anexo II só podem ser usados nos procedimentos os animais que foram criados para uso nos procedimentos.

No entanto, a partir das datas estabelecidas no Anexo III, os Estados-Membros assegurarão que os primatas não-humanos constantes nesse Anexo possam somente ser usados nos procedimentos se forem descendentes de primatas não-humanos que tenham sido reproduzidos em cativeiro.

Artigo 10.2. As autoridades competentes podem dispensar o cumprimento do parágrafo 1 com base numa justificação científica.

*Anexo III: Lista de primatas não-humanos e datas referidas ...no Artigo 10(1). Propõe que o uso de macacos *Cynomolgus* e Rhesus F1 deve ir sendo abandonada gradualmente ao longo dos 7 anos seguintes à transposição da Directiva; dos Ti-tis a partir da data de transposição; e que as outras espécies de primatas não-humanos seja gradualmente abandonada nos 10 anos seguintes à transposição.*

A justificação da Comissão

Considerando 18: “A captura de primatas não-humanos da selva é altamente stressante para os animais e aumenta o risco de ferimentos e sofrimento durante a captura e o transporte. A fim de terminar gradualmente a captura dos animais selvagens para finalidades de criação de animais, somente os animais que são descendentes de um animal que tenha sido criado no cativeiro devem ser colocados disponíveis para o uso em procedimentos científicos, o mais cedo possível. Os estabelecimentos que reproduzem e fornecem primatas não-humanos devem consequentemente ter uma estratégia adequada para apoiar e facilitar o avanço progressivo para esse objectivo.”

Posição da organização Animal Defenders Internacional (ADI) sobre estas propostas

Acreditamos que os parágrafos 9.1, 10.1, e o Anexo III são os primeiros passos dignos de crédito para por termo à responsabilidade da comunidade de investigação europeia pela captura de primatas selvagens, com o consequente sofrimento e os danos ao meio ambiente que tal envolve. Estes receberão um apoio público generalizado.

O Artigo 7.3 da actual Directiva 86/609 CE refere: “Só devem ser realizadas experiências com animais bravios quando as experiências com outros animais não satisfizerem os objectivos da experiência.”

Contudo 23 anos depois desta Directiva entrar em vigor, a Europa continua a aprovar a retirada de macacos da selva para explorações de criação de animais de laboratório.

A auto-regulação não produziu o efeito necessário de preservar o património mundial de populações selvagens de primatas e do seu ambiente, por isso é vital que seja estabelecido um prazo limite.

A ADI apoia a redução do abandono gradual do F1 para 5 anos, que acreditamos ser realizável, proporcionaria o necessário sentido de urgência apropriada e reflectiria o desejo público de evolução. O impacto no que se refere ao bem-estar e ambiental da captura selvagem é, como iremos demonstrar, significativo.

Creemos que os Artigos 9.2 e 10.2 das propostas da Comissão enfraquecem seriamente a Directiva proposta e devem ser eliminados por permitirem que as limitações sejam afastadas muito facilmente.

As alterações que enfraquecem ou debilitam as propostas da Comissão devem ser objecto de oposição.

A avaliação de impacto da Comissão

A Avaliação de Impacto (AI) da Comissão Europeia foi realizada pela Prognos AG em colaboração com os investigadores da Universidade de Utreque. A AI conclui que o abandono gradual em 7 anos é praticável, se for cuidadosamente planeado.

O abandono gradual baseia-se nos ciclos reprodutivos das várias espécies, e no conhecimento dos níveis de produção existentes. Por exemplo, a Europa já é auto-suficiente em macacos Ti-tis F2, pelo que, não é necessário qualquer período transitório. O abandono gradual ao longo de sete anos foi considerada “razoável” para macacos.

Os factos sobre o abandono gradual do uso de macacos selvagens capturados

A dimensão do problema

Entram anualmente na Europa aproximadamente 7.000 macacos cercopitecos (*Cynomolgus* e *Rhesus*) para fins de investigação. Os números exactos de F1, F2 ou F3 são pouco claros - mas crê-se que a maioria é F1. Alguns reprodutores fora da Europa já estão a fornecer primatas F2, assim como algumas fontes na Europa, por isso, a transição já está a decorrer, mesmo que seja lentamente.

Contudo, até agora, não houve nenhum incentivo real para efectuar a mudança num prazo razoável a fim de terminar o sofrimento desnecessário e preservar as populações mundiais de primatas. Consequentemente, é necessário que o Parlamento Europeu estabeleça um caminho para a indústria.

As quotas de exportação chinesas para 2009 estão ajustadas em quase 40.000 primatas¹⁸. As estimativas para o Vietname, Ilhas Maurícias, Filipinas, Indonésia, e Camboja elevam este total para quase 78.000¹⁹. Deve ser tido em atenção que a produção total global (incluindo, por exemplo, os macacos produzidos nos EUA ou os que permanecem na China) é provavelmente o dobro deste número.

Assim, a proposta da Comissão pede aos principais fornecedores europeus para baixarem em 8% a sua produção de F2, em sete anos (aproximadamente 4% da produção global).

É decepcionante que as indústrias europeias de comércio e utilização de primatas apresentem esta proposta razoável e necessária como se esta fosse causar o total colapso do fornecimento de primatas. Tais declarações são imprecisas e inflamatórias, provocando uma confusão desnecessária - é claro que a proposta da Comissão se destina ao abandono gradual da captura de animais selvagens capturados em sete anos.



Os macacos cercopitecos podem ser reproduzidos com sucesso em cativeiro

No seguimento da proibição da exportação de macacos pela Índia, os Estados Unidos desenvolveram o seu próprio programa da criação de animais. Em 1978, foram produzidos 5.093 primatas, incluindo 3.518 macacos Rhesus. Cinco anos depois, a criação de animais em cativeiro para todas as espécies, e de macacos Rhesus, em particular, aumentou respectivamente 78% e 96% (um crescimento anual de 19% no caso dos macacos)⁵. Hoje, os EUA têm oito centros nacionais para investigação de primatas, com 20.000 animais⁷ e a sociedade americana de Primatologistas afirma que a maioria dos primatas usados em laboratório nos EUA são nascidos nos EUA⁶.

A China tem vindo a exportar macacos *Cynomolgus* desde 1990 e afirma estar a produzi-los “com muito sucesso” com diversas “populações auto-suficientes com mais de 47.000 indivíduos”. Afirma também um sucesso idêntico com os macacos Rhesus produzidos em cativeiro, que a China tem exportado desde 1984.

O fornecedor de primatas de laboratório Nafovanny do Vietname, planeia substituir 10% da sua capacidade da criação de animais F1 por ano, utilizando animais que não poderiam vender de outra forma, por exemplo, aqueles que mostram sinais de determinados vírus¹⁹.

Há sérias questões de bem-estar relativamente a explorações de criação de macacos na Ásia, assim como relativamente aos padrões ambientais, e à retirada de animais selvagens a fim de suprir a falta nos stocks de criação de animais.

Espera-se que a nova Directiva venha a estabelecer um quadro legal para as importações de macacos que obrigue aqueles que fornecem primatas à Europa a manter padrões de bem-estar, enriquecimento ambiental, saúde e antecedentes genéticos.

Bem-estar e questões

A Comissão estimou que para satisfazer a actual procura laboratorial europeia de macacos F2 em substituição de animais F1 exigirá um aumento de 10.000 animais às actuais populações de criação de animais. Estima-se que isto levaria a um excesso de 800 machos uma vez que é utilizado um maior número de fêmeas nas estratégias da criação intensiva de animais¹.

Algumas pessoas ligadas a grupos de pressão da indústria afirmaram estar preocupados que estes macacos machos em excesso sejam mortos humanamente nas explorações de criação de animais. Por outro lado, parecem não ter problemas relativamente captura selvagem em curso, com o sofrimento daí decorrente, as mortes e a destruição ambiental que a captura causa. Também parecem estar satisfeitos relativamente aos animais com os animais que estão ser vendidos para fins de investigação e teste.

A realidade é que estes machos em excesso serão provavelmente vendidos para fins de investigação ou outros na indústria.

É importante considerar correctamente os factores chave de qualquer programa de criação de animais, e como se inserem na proposta da Comissão:

Os macacos têm uma esperança de vida média de 25 anos¹⁰, mas muitos animais em cativeiro vivem até 30 anos¹⁶, atingindo a maturidade sexual com a idade de 3 a 5 anos¹⁷. O período de gestação do macaco é de aproximadamente 164 dias¹⁶. Uma fêmea tem um período mínimo de reprodução de 15 anos, (permitindo que uma maturidade sexual e a primeira gravidez mais tardia e compensando uma fertilidade mais baixa numa idade mais avançada.)



For too long Europe has looked the other way when it comes to the wild capture policies and welfare standards of the establishments that supply laboratory monkeys.

Por este motivo, se assumirmos que uma exploração de criação de animais substituiria as fêmeas à medida que se vão tornando menos produtivas, é possível que durante um período de 7 anos cerca de 50% de uma população de criação seja de qualquer forma substituída. O mesmo período de tempo que a comissão propõe para o abandono gradual. A verdadeira pergunta é, se aqueles animais serão apanhados na selva, ou produzidos em cativeiro.

Isto significa que durante 5 anos, os 800 machos em excesso previstos seriam 160 machos por ano, espalhados por toda a indústria. Alguns argumentariam que ser morto humanamente seria melhor que a vida numa exploração de criação de animais ou a morte no laboratório europeu. Porém, é improvável que não haja clientes para estes animais.

Se as fêmeas forem capturadas na selva há a possibilidade de o equilíbrio social das populações selvagens ser desastrosamente quebrado ou que ambos os sexos sejam capturados por caçadores e que os machos sejam mortos após a divisão por sexo.

Impactos ambientais

Este ano, foi enviado aos Deputados Europeus o DVD “Save the Primates” (Salvar os Primatas) da ADI, que contém filmagens recentes de macacos a serem capturados para experiências na América do Sul. Este revela o horror dos animais ao serem retirados dos seus lares e famílias e a serem enfiados dentro de sacos e levados para experiências.

A captura selvagem deste tipo significa que não existe qualquer consideração pelos antecedentes genéticos dos animais, nem pelo impacto que a remoção terá na população selvagem. Na Colômbia há provas de caçadores que desbastam árvores para deixar os macacos sem esconderijo. Filmagens noutra local indicam que há uma falta de preocupação semelhante pelo bem-estar ou danos ao meio ambiente entre os caçadores, que são na sua maioria mal pagos, trabalhadores ao nível de subsistência.

Devido à devastação de populações selvagens, a Índia proibiu a exportação de primatas em 1978⁵. “Os excessos cometidos na caça com armadilhas, particularmente de jovens, foi o que mais contribuiu para uma redução de 90% na população do macaco Rhesus da Índia nos anos 60 e 70”¹⁰. Em 1996, um documento de Crocket et al referia que “a população de macacos Rhesus no Norte da Índia só recuperou em 50% desde 1978”¹⁰.

Foi alegado que a captura com armadilha aumenta a diversidade genética das populações em cativeiro, mas outras medidas, como a diminuição do rácio de fêmeas relativamente aos machos nas explorações seriam certamente mais eficazes.

É provável que os caçadores estejam a esgotar firmemente a diversidade genética das populações selvagens, e a sua actividade tem potencialidades de erradicar os animais de uma área. Os animais são apanhados com base na disponibilidade, e não para assegurar a diversidade genética. Há obviamente consequências potencialmente desastrosas se os produtores continuarem a retirar mais fêmeas que machos das áreas. É muito mais provável que os animais que os animais sejam capturados indiscriminadamente e que os não desejados sejam mortos.

Em 2002, o Comité Científico da Comunidade Europeia para a saúde e bem-estar animal declarou, “todas as espécies de primatas estão em perigo em certa medida e muitas enumeradas como tal... há numa posição que nenhum animal selvagem capturado deve ser usado, nem mesmo para as fins de criação de animais”³.

A IUCN anunciou que 48% de espécies de primatas estão presentemente em perigo, ou gravemente ameaçadas de extinção ²⁰.

Se a Europa não tomar uma posição nesta questão não pode manter a credibilidade ao transmitir outras mensagens de preservação aos países pobres, onde pessoas famintas estão a ser instadas a não comer determinada espécie de primata até à extinção. A Europa tem responsabilidades nesta questão.

Há uma alternativa, e a Europa está numa posição em que pode fazer a mudança.

Impactos económicos e na investigação

Espera-se que os custos com a investigação de primatas aumentem. Não há números exactos disponíveis, mas funcionários governamentais no Reino Unido estimaram que o aumento poderia ser de aproximadamente £4,000.00 (€4.288,00) a £6.000,00 (€6.432,00) por animal. No entanto, esta é uma indústria multibilionária com recursos para gastar um pouco no bem-estar e na protecção do ambiente e do património mundial.

A oposição às propostas da Comissão de acabar com o uso de animais selvagens capturados pela indústria da investigação não tem fundamento. Não existem quaisquer provas que o abandono gradual proposto pela Comissão Europeia cause um impacto negativo na investigação. De facto, deverá ter um impacto positivo, e os benefícios incluem:

- **Padrões científicos melhorados - os animais produzidos em cativeiro são preferidos, por a sua saúde e os seus antecedentes genéticos serem conhecidos.**
- **Ajudaria a estimular o desenvolvimento e a adopção de métodos alternativos avançados, beneficiando assim as indústrias europeias de ciência e tecnologia no seu todo.**
- **Evitaria o sofrimento desnecessário a espécies extremamente desenvolvidas, inteligentes e emocionais.**
- **Preservação do património natural mundial - acabar com a destruição de populações e habitats selvagens.**

Os Deputados Europeus devem procurar reforçar e acelerar estas medidas sensatas, práticas e proporcionais.

1. Commission staff working paper, Impact Assessment, 05.11.08 <http://eur-lex.europa.eu/LexUriServ/LexUriServ.do?uri=SEC:2008:2410:FIN:EN:PDF>
2. M.J. Prescott (2001) - Counting the cost – welfare implications of the acquisition and transport of non-human primates for use in research and testing
3. The welfare of non-human primates used in research: Report of the Scientific Committee on Animal Health and Animal Welfare, 17 December 2002 http://ec.europa.eu/food/fs/sc/scah/out83_en.pdf
4. Fifth Report on the Statistics on the Number of Animals used for Experimental and other Scientific Purposes in the Member States of the European Union <http://eur-lex.europa.eu/LexUriServ/LexUriServ.do?uri=COM:2007:0675:FIN:EN:DOC>
5. Gray, Schofield, L. & Chandler, J.L. (1984). Laboratory Primate Newsletter, volume 23, number 4 <http://www.brown.edu/Research/Primate/lpn23-4.html>
6. <http://www.asp.org/research/faq.html>
7. Fan, Z & Song, Y (2003) International Perspectives: The Future of Non human Primate Resources. Proceedings of the Workshop Held April 17-19, 2002 (2003) http://www.nap.edu/openbook.php?record_id=10774&page=69
8. Hunsmann, G (2003) International Perspectives: The Future of Non human Primate Resources, Proceedings of the Workshop Held April 17-19, 2002 (2003) http://www.nap.edu/openbook.php?record_id=10774&page=69
9. IPPL Newsletter, December 1979
10. Crockett, C.M. et al (1996), American Journal of Primatology, vol. 40, pp. 343-360
11. <http://www.wildsingapore.com/news/20070708/070817-2.htm#nst> – accessed 03/03/09
12. http://ec.europa.eu/environment/chemicals/lab_animals/pdf/vi_nhp.pdf Pg 23
13. http://ec.europa.eu/environment/chemicals/lab_animals/pdf/vi_nhp.pdf Pg 28
14. http://ec.europa.eu/environment/chemicals/lab_animals/pdf/vi_nhp.pdf Pg 209
15. http://ec.europa.eu/environment/chemicals/lab_animals/pdf/vi_nhp.pdf Pg 224
16. Napier, J. R. & Napier, P. H, 1967. Handbook of Living Primates. Academic Press, London & New York
17. Terry Maple, J, et al Primates, 14(4):427-428, December 1973 427,
18. Ross C. 1992, Primates
19. IPPL: Chinese Export Quotas
20. Wolfensohn, S., presentation: Primates and stress and the F2 requirement
21. <http://www.primate-sg.org/PL08.news.htm>

Contact: Helder Constantino, Head of Parliamentary Affairs
email: helderconstantino@ad-international.org



Animal Defenders International,
with: National Anti-Vivisection Society and Lord Dowding Fund for Humane Research,
Millbank Tower, Millbank, London SW1P 4QP, UK.
Tel. +44 (0)20 7630 3340 www.ad-international.org